

SANTA PERNA E MARIA PEREGRINA: ASPECTOS FOLKCOMUNICACIONAIS DA RELIGIOSIDADE POPULAR EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS¹

Robson Alves dos Santos²
Jorge Luis da Hora de Jesus³
Luís Fernando Ferreira de Araújo⁴

Resumo

Partindo de leituras e pesquisa etnográfica, com a contribuição de levantamento iconográfico, o presente estudo se baseou na pesquisa bibliográfica do Museu de Folclore de São José dos Campos e o CECP – Centro de Estudos da Cultura Popular, da mesma cidade. Além da pesquisa bibliográfica produzida pelo CECP, o aporte teórico de Luiz Beltrão em suas pesquisas e criação da escola de Folkcomunicação, o presente trabalho busca entender e reforçar o papel folkcomunicação das devoções populares à Santa Perna e Maria Peregrina e como tais cultos têm sido fomentados pela iniciativa de devotos, na comunicação popular, “boca a boca”, observando a presença de ex-votos depositados tanto na capela (Santa Perna), quanto no túmulo da milagreira (Maria Peregrina).

Palavras-chave: Folkcomunicação. Religiosidade Popular. Cultura Popular. Ex-Votos.

Abstract

Based on readings and ethnographic research, with the contribution of an iconographic survey, the present study relied on the bibliographical research from the Folklore Museum of São José dos Campos and the CECP – Center for Studies of Popular Culture, in the same city. In addition to the bibliographical research produced by CECP, drawing on the theoretical contributions of Luiz Beltrão in his research and the establishment of the school of Folk Communication, this current work seeks to understand and reinforce the folk communicational role of popular devotions to Santa Perna and Maria Peregrina. It examines how such cults have been nurtured through the initiative of devotees in popular communication, "word of mouth," while observing the presence of ex-votos deposited both in the chapel (Santa Perna) and at the miraculous tomb (Maria Peregrina).

Keywords: Folk Communication. Popular Religiosity. Popular Culture. Ex-Votos.

Introdução

O olhar para o processo comunicacional, muitas vezes viciado naqueles veiculados pela grande mídia, deixa de considerar outros processos que fazem parte de algo presente e inerente

¹ Trabalho apresentado ao Eixo Temático 9. Mitos e mitologias na comunicação humana, do VIII ComCult, Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM), São Paulo – Brasil, 16 a 18 de novembro de 2023.

² Doutor em Design pela Universidade Anhembi Morumbi. Docente no Centro Universitário SENAC. E-mail: professorrobson@uol.com.br.

³ Mestrando em Comunicação pela UNIP. Docente no Centro Universitário SENAC. E-mail: jorge.hjesus@sp.senac.br.

⁴ Doutor em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie. Docente no Centro Universitário SENAC. E-mail: lusfernandoaraujo40@gmail.com.

ao ser humano. A palavra comunicação, oriunda do latim *communicatio*, cuja tradução seria algo como “tornar comum”, uma vez que a palavra tem, em seu radical, o termo, também latino, *communis*, traduzido como “pertencente a todos ou a muitos” constituindo-se em um processo de partilha de sentidos entre várias pessoas, público em geral.

Então, ao pensarmos no processo comunicacional precisamos expandir olhares para a multiplicidade cultural e públicos que lidam, no cotidiano, com o ato de comunicar, transmitir, levar adiante, tornar comum a informação ou mensagem recebida.

Partindo desse olhar e levando em conta a contribuição de Luiz Beltrão (1918-1986) com a publicação do artigo o “Ex-Voto como veículo jornalístico” no ano de 1965, na Revista Comunicação & Problemas, temos um texto que é considerado a gênese da corrente de pesquisa acadêmica, da escola brasileira de comunicação, intitulada “Folkcomunicação”, escola de pesquisa, esta, que “aproxima as diversas manifestações culturais populares, de modo especial as folclóricas, das pesquisas em comunicação social” (GORDO, 2018, p.01).

Ao defender sua tese intitulada “*Folkcomunicação, um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias*”, em 1967, na Universidade de Brasília, Luiz Beltrão contribuiu pioneiramente com os estudos científicos da área de comunicação no Brasil.

A pesquisa em Folkcomunicação fortalece o papel da cultura do povo, ainda mais em um país como o Brasil, resultado de grande miscigenação de povos e costumes, o que dá um colorido diferenciado ao nosso panorama cultural.

Nas palavras de Luiz Beltrão

A investigação da natureza, dos elementos e da estrutura, dos agentes e usuários, do processo e das modalidades e dos efeitos, da folkcomunicação é absolutamente necessária, notadamente em países como o nosso, de elevado índice de analfabetos, da disseminação populacional irregular, de reconhecida má distribuição de rendas e acentuado nível de pauperismo [...]

No sistema de folkcomunicação, embora a existência e utilização, em certos casos, de modalidades e canais indiretos e industrializados (como emissões desportivas da TV, canções gravadas em discos ou mensagens impressas em folhetos e volantes, as manifestação são sobretudo resultado de uma atividade artesanal do agenda-comunicador, enquanto seu processo de difusão se desenvolve horizontalmente tendo-se em conta que os usuários característicos recebem as mensagens através de um intermediário próprio em um dos múltiplos estágios de sua difusão. A recepção sem este intermediário só ocorre quando o destinatário domina seu código e sua técnica, tendo capacidade e

possibilidade de usá-lo, por sua vez, em resposta ou na emissão de mensagens originais (BELTRÃO, 1980, p. 27).

Embora, em suas pesquisas, Beltrão tenha apontado a Folkcomunicação como uma teoria de comunicação para explicar os processos comunicacionais, é importante apontar que, “porém, essa marginalização não é remissiva ao conceito de marginal da classe social, mas sim um marginal dos meios de comunicação que divaga as margens dessa massa midiática” (MACHADO. CORNIANI. 2011. p.01).

A folkcomunicação é a área de pesquisa que se dedica aos estudos dos processos comunicacionais por agentes e meios populares de informação, uma forma de fazer chegar aos chamados marginalizados, informações de forma que este a possam entender.

O objeto de pesquisa dessa nova disciplina encontra-se na fronteira entre o **Folclore** (resgate e interpretação da cultura popular) e a **Comunicação de Massa** (difusão industrial de símbolos, através dos meios mecânicos ou eletrônicos, destinado a audiências amplas, anônimas e heterogêneas) (MELO, 2007, p.21).

Importante reforçar que, ao falarmos sobre folclore, vale apontar que resgate é uma palavra que precisa ser relativizada uma vez que tais manifestações populares passam por transformações e aquilo que se busca resgatar já deixou de existir ou se transformou ante os processos da dinâmica de uma cultura plural, híbrida que influencia e recebe influências de outras manifestações culturais, ressignificando-se e adaptando-se às transformações da sociedade onde se apresentam tais fatos folclóricos, conforme aponta o texto da Carta do Folclore Brasileiro, de 1995.

Folclore é o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade. **Ressaltamos que entendemos folclore e cultura popular como equivalentes**, em sintonia com o que preconiza a UNESCO. A expressão cultura popular manter-se-á no singular, embora entendendo-se que existem tantas culturas quantos sejam os grupos que as produzem em contextos naturais e econômicos específicos. (grifo nosso)

Assim, olhar para os estudos do folclore, na atualidade, implica entender a dinâmica da sociedade, da produção cultura, no sentido de que resgatar manifestações estaria mais conectado ao trabalho dos primeiros folcloristas.

Pelas lentes da Folkcomunicação é possível perceber este processo dinâmico presente na cultura popular, consonante com o texto da UNESCO, conforme reforça o trecho da Carta do Folclore Brasileiro citado acima.

Nas palavras de Luiz Beltrão, o conceito de Folkcomunicação é definido como “o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e de meios direta ou indiretamente ligados ao folclore” (BELTRÃO, 1980, p.24).

É partindo deste olhar que o presente trabalho traz resultados de pesquisas etnográficas e iconográficas realizadas na cidade de São José dos Campos, interior da cidade de São Paulo (SP), no Vale do Paraíba observando aspectos da religiosidade popular de Santa Perna e Maria Peregrina, santos populares, presentes no imaginário e fé do povo daquela cidade e região, associando tais práticas aos olhares dos processos folkcomunicacionais ali presentes.

Tais estudos iniciados na região em 2002, tiveram fortalecimento com a experiência docente na UNIVAP (Universidade do Vale do Paraíba), no curso de pós-graduação *latu sensu* em Cultura Popular, de 2017 a 2022.

No decorrer das aulas que envolviam as práticas etnográficas, iniciamos as visitas à capela de Santa Perna e ao Cemitério Maria Peregrina, a fim de entender como se dava o processo folkcomunicacional e a perpetuação da fé nestas duas santas populares, ainda que em contraponto com a religião católica oficial da cidade, observando ex-votos e demais relatos coletados com moradores da cidade, devotos e fiéis destes cultos da religiosidade popular.

Importante apontar que a religiosidade popular é maior, ou mais presente nas manifestações do povo, do que aquelas oficializadas pela instituição religiosa, igreja, templo, terreiro ou demais nomenclaturas usadas para este fim. Sendo assim, como conclusões de percursos etnográficos e cartográficos, pode-se afirmar que “a religiosidade popular supera a religião oficial”, conforme veremos ao longo deste trabalho corroborando as palavras de Michel de Certeau (1982, p.145) que afirma existir “entre significante e significado, uma relação a elucidar. Mas isto não pode ser feito ao próprio nível do fato”, uma vez que os aspectos religiosos suplantam as instituições, pois um santo, popular no caso, não tem como os santos canonizados pela igreja católica o seu “registro histórico e sim a disseminação da devoção”

(MARTINS, 2011, p.16) pois a sua validação como santo vem daqueles que o “canonizam”, que seguem sua fé partindo do convívio e proximidade com sua vida e história.

Santos populares e religiosidade popular

A instituição católica, com forte presença no Vale do Paraíba, tem em suas igrejas a presença de santos canonizados por esta instituição, os quais aqui podemos entender como “oficiais” para a religião católica.

Este olhar para os santos se faz a partir preceitos oficiais da igreja católica, o que remete a processos longos para beatificação e canonização de pessoas que, ante uma vida de martírios e sofrimentos, de pureza e castidade ou ainda de condutas ilibadas e religiosas, ao morrerem passaram a realizar milagres, o que precisa ser comprovado por autoridades eclesiásticas para sua consolidação e santidade.

Diferentemente dos santos canonizados, a religiosidade e a fé das pessoas fazem surgir um outro tipo de santidade, aquela canonizada pela força da fé do povo, que vê em suas crenças e graças alcançadas a presença do sagrado, do milagre, da realização de seu pedido, o qual será “pago” como ex-voto, elemento de acerto de contas celestial, para aquele ou aquela determinada santa. Embora encontremos as “salas de milagres” em catedrais ou cidades de romarias, oficializadas pelas igrejas católicas, é importante apontar que tal fato se faz presente na religiosidade popular, independentemente da instituição.

No decorrer da pesquisa, observamos que, independentemente da oficialização pela igreja católica, os santos populares ganham espaço de devoção pois

os devotos organizam suas crenças, não através de uma teologia pura, desvinculada das questões terrenas, mas por meio de um conhecimento orientado pelas coisas da vida deste mundo. Neste sentido, é uma crença prática, voltada para a concretude da vida cotidiana (FRADE, 2006, p.22).

Ainda segundo Frade (2006), enquanto os santos oficiais se colocam como seres modelares e intermediários com Deus, os santos de devoção popular, não canonizados, estão mais próximos das pessoas, mais atentos às coisas terrenas e às necessidades de seus devotos. “En otras palabras, lo sagrado se fundamenta en la relación existente en una heterogeneidad de formas, de donde el fenómeno religioso se manifiesta de manera homogénea em la vida concreta” (MARTINEZ, 2008, p.39).

Reforçando o que afirmamos anteriormente, a religiosidade popular supera a religião oficial, justamente por proporcionar maior aproximação com suas crenças, sua fé, seus santos e suas graças ao povo que os busca e cultua, de sua forma, livre de regras impostas, mas por imitação, identificação com costumes da cultura popular do *ethos* onde habitam.

As devoções construídas popularmente e cristalizadas na memória coletiva, embora parasitárias do mito e da oralidade, possibilitam uma experiência do sagrado. Sinalizam que os homens de Deus, na cultura popular, escapam às conformações, permitindo que os fiéis inventem o seu próprio cotidiano e que esse processo de santificação popular é tão eficaz e legítimo quanto o efetuado pelo Vaticano (GAETA, 1999. p.72).

É observado que, para a igreja católica, tais santos populares não são reconhecidos e nem apoiados pelos representantes do clero, uma vez que fogem dos padrões ali institucionalizados.

Da mesma forma que apontamos a Folkcomunicação voltada à marginalização pela falta de acesso aos meios oficiais de comunicação, podemos apontar que a oficialização da fé pode contribuir para o afastamento das pessoas, impedindo-lhes acesso aos processos institucionais ou aos santos que, por estarem “restritos” aos cânones tornam-se distantes daqueles que os cultuam fora destes ambientes.

A relação do povo com os santos populares

Representa uma nova forma de se relacionar com os santos de devoção. Essa nova maneira, por um lado não se caracteriza pela relação necessária com o espaço sagrado do santuário, por outro lado estabelece formas alternativas de experiência do simbolismo sagrado (SILVA. 2006, p. 161).

O que percebemos é a aproximação dos estudos da folkcomunicação para a presença de devoções que se fazem de forma popular, transmitidas entre devotos que se unem, distante, muitas vezes, das instituições religiosas, para conhecer, cultivar e manter a fé em santos populares, transmitindo, por meio de ex-votos, procissões, festas e momentos de encontro com seus santos de devoção, em capelas ou túmulos, como no caso de Maria Peregrina.

Sendo assim, assim como no processo folkcomunicacional, onde os líderes-comunicadores perpetuam a mensagem recebida da mídia ou de outros canais, os devotos passam sua fé, sua experiência com o sagrado, de boca a orelha, nas comunidades onde vivem e praticam o que acreditam.

A passagem de uma experiência a outra depende, portanto, de uma mediação que se estabelece na forma como o homem vivencia cada experiência no seu cotidiano ou em situações -limite tais como os rituais de transição ou as

celebrações religiosas, nas quais a emoção, o sentimento de pertencimento e o envolvimento afetivo sobrepõem-se a qualquer racionalidade pressupostamente estabelecida pela realidade (MARQUES, 2007, p.127).

Vemos, então, nos aspectos da religiosidade popular, coadunando com as ideias de Luiz Beltrão, um espaço para o olhar folkcomunicação, um espaço também marginal, para os cânones oficiais, porém um “espaço sagrado da experiência religiosa heterogêneo, por isso mesmo cheio de rupturas” (MARQUES, 2007, p.127) que permite a inserção dos aspectos da cultura popular e perpetuação dessas manifestações pela presença de líderes-comunicadores, líderes religiosos, que fazem transitar informações e a fé ao longo das gerações e pessoas. É neste íterim que nos debruçamos em dois aspectos da religiosidade popular de São José dos Campos: Santa Perna e Maria Peregrina.

Santa Perna e Maria Peregrina: religiosidade popular em São José dos Campos

A devoção à Santa Perna tem início com sua história narrada pelas pessoas que a passam, uns para os outros, mantendo uma manifestação da religiosidade popular que, segundo apurado pelo “livro dos milagres” passa dos cem anos naquela região.

Conta a história que

Certo dia, um pescador lançou sua rede no rio Paraíba e, no meio dos peixes, veio uma perna, igual aconteceu com Nossa Senhora Aparecida. Ele levou aquela perna pra casa. A mulher dele tinha uma ferida na perna. Depois da chegada daquela perna, a ferida começou a secar. Todo mundo ficou sabendo. A casa dele começou a ser procurada por muita gente que ficou sabendo do milagre. Então ele, com a ajuda de outros que receberam graça, decidiu construir uma capelinha pra ela, no mesmo lugar em que foi achada." (depoimento do devoto Hipólito da Costa Andrade *apud* FRADE, 2006, p. 36)

Similar a história de Nossa Senhor de Aparecida a referida santa foi retirada das águas pela rede de um pescador que a levou para casa, onde passou a fazer milagres, fatos esses, que foram perpetuados pelos líderes-comunicadores presentes na localidade. Dessa forma, a canonização se deu pela aceitação das pessoas que passaram a se dirigir à Santa Perna, pedindo que intercedessem por suas dores.

A capela, foi construída na área rural, distante 5 km do centro urbano da cidade, no bairro do Jaguari, próxima à estrada que margeia este rio. Em nossas pesquisas, muitos moradores se referiram ao local como o “Bairrinho de Santa Perna”.

A Capela de Santa Perna (Figura 01), conta, em seu interior, com um altar simples e ali, juntamente com uma perna de cera (uma vez que, segundo relatos, a referida perna de madeira sumiu), conta com a presença de outros santos católicos, além de ex-votos na forma de meias, muletas, fitas e uma pasta preta catalográfica com bilhetes, fotos e desenhos.

A santa é constituída por esta perna de cera, revestida de meias e fitas (Figura 02) e seus ex-votos incluem meias, fitas e demais objetos como parte dos acertos celestiais de seus devotos.

Figura 01 – Capela de Santa Perna



Fonte: Acervo do pesquisador

Figura 02 – Santa Perna



Fonte: Acervo do pesquisador

Figura 03 – Interior da Capela de Santa Perna



Fonte: Acervo do pesquisador

Figura 04 – Ex-Voto - Capela de Santa Perna



Fonte: Acervo do pesquisador

A crença em Santa Perna é comum ao conversarmos com vários moradores da cidade, principalmente entre os mais velhos.

Associada a esta pesquisa, na busca de ampliar o olhar folkcomunicação sobre aspectos da religiosidade popular de São José dos Campos, conhecemos o bairro de Santana, zona norte de São José dos Campos, mais especificamente o cemitério municipal (Figura 05), onde está o túmulo de Maria Peregrina, outra milagreira presente no devocional popular da cidade.

Figura 05 – Fachada do Cemitério Municipal Maria Peregrina



Fonte: Acervo do pesquisador

A história de Maria Peregrina apresenta a lacuna de sua data de nascimento, ficando registrada em seu túmulo no cemitério que leva seu nome, somente a data de falecimento (Figura 06).

Conforme trabalho apresentado no XII INICEG, em 2018, na UNIVAP, em São José dos Campos

Maria Peregrina, tornou-se uma santa popular no município de São José dos Campos, sua história de vida se desenrola com certa semelhança com outras histórias a respeito de andarilhos em nosso país. Era uma mulher negra, de estatura média, falava alto, andava devagar e diziam que ela “falava muito bem”, comentavam que havia sido professora, e que após uma praga de sua mãe, ela viveria peregrinando. Se instalou nos bairros da Zona Norte (Santana, Telespark e Alto da Ponte). Sua idade, passado e parentesco eram desconhecidos, aparentava uns 60 anos. Andava com um saco de estopa na cabeça, cheio de latas e roupas velhas, isso a deixou conhecida como a “Maria

do Saco” ou “Nêga do Saco”. Quem não gostava de apelidos preferia chamá-la de “Nhá Maria” ou “Sá Maria”.

Devido ao seu jeito pitoresco de ser: carrancuda, maltrapilha, por falar sozinha e pelas inúmeras provocações pelas quais passava começou a chamar a atenção de pessoas de todas as partes que vinham à sua procura pela curiosidade em saber por que aquela mulher que vivia sob as árvores, às vezes ao relento, sujeita a todo tipo de intempérie, de ataque de animais e bichos peçonhentos, porque não adoecia, nem morria (MONTEIRO, et.al., 2018, p. 2)

Tida como uma figura misteriosa, após eu falecimento, os comentários eram de que ela viria assombrar os lugares onde viveu, que perceberiam isso pelo movimento das árvores nas quais ela costumava dormir. O tempo foi se encarregando de fazer com que “Nhá Maria” caísse no esquecimento do povo, até a realização daquele que é tido como seu primeiro milagre, conforme aponta o pesquisador Benedito José Batista de Melo.

Depois de dois anos da morte de Nhá Maria, dona Benedita Maria das Dores, mais conhecida por dona Mulata, residente no bairro de Santana, senhora muito religiosa, tinha um filho viciado em bebidas alcóolicas. Não havia mais nada a fazer para que o filho deixasse o vício. Foi quando dona Mulata se lembrou da alma de Nhá Maria. Em suas orações pediu à ruma de Nhá Maria que intercedesse a Deus por seu filho. Se a graça fosse alcançada, ela e suas companheiras da Legião de Maria iriam até sua tumba e rezariam um terço. Continuariam sempre a rezar na intenção da sua alma. Poucos dias se passaram. Seu filho foi deixando o vício, até deixá-lo por completo (MELO, 1992, p.50).

Além do terço prometido, Dona Mulata se organizou, juntando dinheiro, conseguindo doações e comprou o terreno onde está a sepultura de Maria Peregrina, localizada na quadra quatro, jazigo duzentos e trinta do “Cemitério Maria Peregrina” localizado na rua Nhumirim s/n, bairro de Santana em São José dos Campos/SP.

Seu túmulo não se diferencia dos demais, mantendo uma estrutura simples em alvenaria, recoberta por placas de ardósia e uma cruz feita em material semelhante (Figura 06).

Abaixo da placa com seu nome e data de falecimento encontra-se um compartimento com porta de vidro onde são depositados os ex-votos de diversos tipos e formatos, como placas de metal e pedidos direcionada à santa (Figura 07).

Figura 06 – Túmulo de Maria Peregrina



Fonte: Acervo do pesquisador

Figura 07 – Detalhe do Túmulo de Maria Peregrina

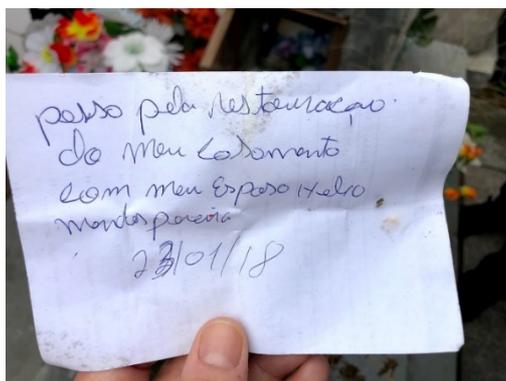


Fonte: Acervo do pesquisador

O espaço apertado entre as quadras e jazigos, segundo conversa informal com os trabalhadores do cemitério é algo preocupante em dias de muito movimento. É comum a visita de devotos à Maria Peregrina que, além de depositar ex-votos, cuidam do túmulo.

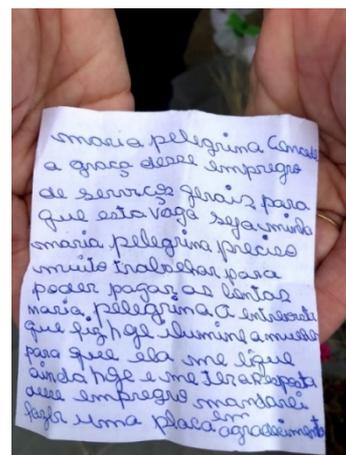
Os pedidos e graças atendidas são os mais diversos, indo além de questões de saúde, como no caso de Santa Perna, para interseção contra vícios e, mesmo para relacionamentos, conforme vemos abaixo (Figuras 08 e 09).

Figura 08 – Pedido feito a Maria Peregrina



Fonte: Acervo do pesquisador

Figura 09 – Pedido feito a Maria Peregrina



Fonte: Acervo do pesquisador

Considerações finais

Os olhares resultantes dessas pesquisas, naquele momento e que ainda seguem em andamento, por ser o “chão da pesquisa” desses pesquisadores, apontam para a proximidade dos estudos da Folkcomunicação, conforme preconizou Luiz Beltrão. A presença de pedidos e ex-votos na Capela de Santa Perna e no túmulo de Maria Peregrina fortalecem à comunicação popular e à devoção a estas duas santas populares, presentes na cidade de São José dos Campos, Vale do Paraíba, interior de São Paulo.

Os resultados do levantamento etnográfico, complementado pela pesquisa iconográfica aponta que a devoção popular de Santa Perna e Maria Peregrina seguem o processo de transmissão oral presente nos fundamentos da cultura popular, como preconizada pela UNESCO e Carta de Folclore (1995).

E é justamente pela transmissão oral que se perpetua essa tradição religiosa popular, envolvendo em uma mesma cidade a santidade popular. Os processos folkcomunicacionais ficam evidentes ao observarmos estudos de outros pesquisadores que transcreveram entrevistas e relatos que ainda hoje são transmitidos por aqueles que os ouviram de outras pessoas, devotos, familiares e que, no papel de líderes de opinião levam adiante essa história, agregando novos elementos, novos milagres e graças alcançadas por aqueles que recorreram às santas populares.

As manifestações de fé, os ex-votos, constituem o aspecto material de uma questão imaterial que é a fé e a religiosidade popular, porém, por sua presença, é possível entender o valor que tais santas têm para a cultura popular joseense, presente em suas devoções, independentemente do aval das instituições chamadas oficiais para as religiões.

Podemos apontar que a presença da Capela de Santa Perna, bem como do túmulo de Maria Peregrina fortalecem o que nos aponta o pesquisador André Luís da Silva.

E por meio de um mecanismo de interação deste tipo que assistimos a proliferação de devoções como a de Santo Expedito, por exemplo. Seus devotos, para cumprir o contra-dom de uma graça alcançada não seguem mais até algum santuário, mas fazem uso de técnicas de comunicação de massa e de imagens do mundo da propaganda, como as faixas de agradecimento expostas pelas esquinas das cidades. (SILVA, 2008, p. 162)

Levando em conta que os estudos de Folkcomunicação tiveram início com Luiz Beltrão pesquisando o papel jornalístico dos ex-votos, entendemos nesse trabalho ter trilhado uma

jornada semelhante com o objetivo de entender como se dá o processo folkcomunicação tendo o ex-voto como um veículo jornalístico, fortalecendo a presença e o papel milagreiro das santas estudadas.

Entendemos que a devoção à Santa Perna e à Maria Peregrina, se mantém, justamente, por este processo folkcomunicação, onde os devotos, ao “pagarem” suas promessas com seus ex-votos, fortalecem a presença delas, além da eficácia de suas intercessões.

Os relatos coletados, formal ou informalmente, evidenciam o papel da Folkcomunicação acerca dos aspectos da religiosidade popular, superando as mídias e instituições religiosas oficiais, trazendo força à devoção popular.

Importante, apontarmos ainda, que a presença dos ex-votos, de oferendas, vai além do catolicismo popular como nos aponta Luis Erlin Gomes Gordo ao dizer que

Acreditamos que muitas outras expressões religiosas também trabalhem com o conceito de comunicação direta com a divindade por meio do agradecimento por graças recebidas (GORDO, 2017, p. 153).

Sendo assim, a guisa de um fechamento para este trabalho, cujo tema não se limita ou esgota aqui, acreditamos que o processo folkcomunicação se faz presente na religiosidade popular de Santa Perna e Maria Peregrina, santas populares do município de São José dos Campos, Vale do Paraíba, São Paulo.

O presente trabalho, ancorado em várias teorias e linhas de pesquisa, permite reforçar a presença de várias interconexões entre as diferentes instâncias religiosas presentes no cotidiano. Compreendemos que o papel dos líderes-comunicadores é de extrema importância e eficiência para a difusão e manutenção da religiosidade popular aqui estudada.

Referências

AMPHILO, M. **Folkcomunicação: por uma teoria da comunicação cultural**. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/AUM/article/view/4740>. Acesso em 31/10/2023.

ALVIM, C., GIACOMIN, D., LIMA, F. & SANTOS, R. (2018). **A resistência popular por meio da folkcomunicação: a devoção a uma Perna e a Maria Peregrina na zona norte no bairro de Santana de São José dos Campos, SP**. Disponível em: https://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2018/anais/arquivos/0600_0701_01.pdf. Acesso em 02/11/2023.

- BAPTISTA, I. **O Modelo de Lasswell Aplicado à História das Teorias da Comunicação.** Disponível em: <https://revistaensinoeducacao.pgskroton.com.br/article/view/2911>. Acesso em 31/10/2023.
- BELTRÃO, L. (1980). **Folkcomunicação: A comunicação dos marginalizados.** São Paulo: Cortez.
- _____. **Comunicação e folclore.** (1971). São Paulo: Melhoramentos.
- BENJAMIN, R. **Folkcomunicação na sociedade contemporânea.** Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 2004.
- CERTEAU, M. (1982). **A Escrita da história.** Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- CNF. (1995). **Carta do Folclore Brasileiro. Anais VIII Congresso Brasileiro de Folclore.** Salvador. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/idades-especiais/centro-nacional-de-folclore-e-cultura-popular/CartadoFolcloreBrasileiro1995.pdf>. Acesso em 02/11/2023.
- Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial.** (2003). Paris (França). Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000132540_por. Acesso em 02/11/2023.
- CORNIANI, F. **Afinal, o que é Folkcomunicação.** São Bernardo do Campo: Sítio da Universidade Metodista de São Paulo. Evento da mídia Cidadão. Disponível em: www.metodista.br/midiacidada. Acesso em 13/01/2011.
- Culto aos santos populares marca religiosidade vale-paraibana.** (2015) Disponível em: <https://www.a12.com/jornalsantuاريو/noticias/culto-aos-santos-populares-marca-religiosidade-vale-paraibana>. Acesso em 02/11/2023.
- CUNHA, A. **Dicionário Etimológico da língua portuguesa.** (4. Ed). (2010). Rio de Janeiro: Lexikon.
- FRADE, C. (2006). **Santo de casa faz milagre: a devoção a Santa Perna.** (Série Cadernos de Folclore – 16º volume). São José dos Campos: Fundação Cultural Cassiano Ricardo: Centro de Estudos da Cultura Popular.
- GAETA, M. (1999) “**Santos**” que não são santos: estudos sobre a religiosidade popular brasileira. *Mimesis*, Bauru, v. 20, n. 1, p. 57-76. Disponível em: https://secure.unisagrado.edu.br/static/biblioteca/mimesis/mimesis_v20_n1_1999_art_05.pdf. Acesso em 03/11/2023.
- GORDO, L. **Comunicação (i) material com as divindades: tipos e formas de ex-votos na religiosidade popular.** Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/6317/631766476009/html/#:~:text=O%20pioneiro%20artigo%20de%20Luiz,populares%2C%20de%20modo%20especial%20as>. Acesso em 02/11/2023.
- MACHADO, K. & CORNIANI, F. **O Processo Folkcomunicação na Procissão de São João Batista.** Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2011/resumos/R25-0333-1.pdf>. Acesso em 02/11/2023.
- MARQUES, E. (2007). Sagrado/Profano. In: GADINI, S. & WOITOWICZ, K. **Noções básicas de Folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões.** Ponta Grossa: Editora UEPG.
- MARTINEZ, D. (2008). La creencia em lo trágico: el culto de la Santa Muerte. Creencia o cultura populares. In: SOUZA, R., SILVA & A. (org.). **Religião e imágética: caminhos da devoção popular no Brasil e no México.** Porto Alegre: Armazém Digital.

- MARTINS, N. (2011). **Dimensões e estratégias da mitologia urbana: uma interpretação histórica da devoção à Maria Peregrina em São José dos Campos-SP (1930-1970)**. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de História da Faculdade de Educação e Artes - UNIVAP.
- MELO, B.(1992). **Maria Peregrina**. (Série Cadernos de Folclore – 6º volume). São José dos Campos: Fundação Cultural Cassiano Ricardo: Centro de Estudos da Cultura Popular. JAC Editora.
- MONTEIRO, C., PEREIRA, E., CUNHA, M. & SANTOS, R. **O aspecto folkcomunicação da religiosidade popular no túmulo de Maria Peregrina em São José dos Campos**. Disponível em: https://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2018/anais/arquivos/RE_0196_0071_01.pdf. Acesso em 02/11/2023.
- Museu do Folclore de São José dos Campos. **Santa Perna** - Série Folclore em Movimento. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QY4z9OA9nqA>. Acesso em 02/11/2023.
- SILVA, A. (2008) Devoções marianas, espaços sagrados e temporalidade: percursos atuais da devoção popular no Brasil. In: SOUZA, R.. SILVA & A. (org.). **Religião e imagética: caminhos da devoção popular no Brasil e no México**. Porto Alegre: Armazém Digital.